

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO**

SANDRA VANONI

**A NARRAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO COADJUVANTE
TERAPÊUTICO NO TRATAMENTO DE CRIANÇAS
COM NECESSIDADES ESPECIAIS**

**Porto Alegre
2006**

SANDRA VANONI

**A NARRAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO COADJUVANTE
TERAPÊUTICO NO TRATAMENTO DE CRIANÇAS
COM NECESSIDADES ESPECIAIS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como
requisito parcial para conclusão da disciplina
BIB - TCC de curso de Biblioteconomia da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Ms. Martha Eddy K. K. Bonotto

**Porto Alegre
2006**

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais, José Carlos Vanoni e Geni Gomes Vanoni, por todo apoio que sempre dedicaram a mim.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que contribuíram para a realização deste trabalho, em especial aos alunos e professores da Escola de Educação Especial Lampadinha.

Agradeço também a minha orientadora Martha Bonotto, pela paciência e dedicação que teve comigo no decorrer desta pesquisa.

RESUMO

Acompanhamento das atividades de contação de histórias realizadas para crianças com necessidades especiais, alunas da Escola de Educação Especial Lampadinha. Procura indícios no comportamento das crianças que revela a influência positiva das histórias como recurso terapêutico; observa a receptividade das crianças em relação à atividade; utiliza as informações obtidas através da contadora de história, e da professora de classe; analisa e estabelece comparações entre as diferentes reações das crianças quanto ao tipo de história. O estudo revela que a atividade pode ser considerada como um recurso auxiliar no tratamento terapêutico das crianças com necessidades especiais, já que ele contribui para o desenvolvimento cognitivo destas crianças, aumenta a capacidade de concentração, a criatividade e estimula a linguagem de forma geral.

PALAVRAS-CHAVE: Biblioterapia. Leitura Terapêutica.

ABSTRACT

Accompaniment of the storytelling activities carried out for children with special needs, students of the Escola de Educação Especial Lampadinha. It searches for indications in the behavior of these children that disclose the positive influence of stories as a therapeutic resource; it observes the receptivity of the children in relation to the activity; it uses the information gotten from the storyteller and the class teacher; it analyzes and establishes comparisons between the different reactions of the children, according to the type of story. The study reveals that the activity may be considered a helpful resource in the therapy of children with special needs, since it contributes for the cognitive development of these children, increases their capacity of concentration, their creativity and stimulates linguistic production, in a general way.

KEYWORDS: Bibliotherapy. Therapeutic Reading.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 CONTEXTO E DELIMITAÇÃO DA PESQUISA	10
2.1 Definição do Problema.....	11
2.1.1 Objetivo Geral	11
2.1.2 Objetivos Específicos.....	11
3 REFERÊNCIAL TEÓRICO.....	12
3.1 Biblioterapia.....	12
3.2 Atuação do Bibliotecário.....	13
3.3 Crianças com Necessidades Especiais.....	13
4 METODOLOGIA.....	15
5 ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS.....	17
5.1 Interpretação dos dados.....	17
5.1.1 Escolha dos temas.....	18
5.1.2 Personagens.....	19
5.1.3 Recursos utilizados na narração.....	20
5.2 Análise das histórias contadas e sua adequação as crianças necessidades especiais.....	21
6 CONCLUSÃO.....	24
REFERÊNCIAS.....	26
APÊNDICE A – FICHA DE OBSERVAÇÃO.....	29
APÊNDICE B – ENTREVISTA APLICADA À CONTADORA DE HISTÓRIAS.....	30
APÊNDICE C – ENTREVISTA APLICADA À PROFESSORA DE CLASSE.....	33

1 INTRODUÇÃO

O bibliotecário tem diversificado sua atuação perante o usuário. Há tempo que seu trabalho deixou de ser somente o processamento técnico de livros e a localização de informação na biblioteca. O novo profissional tem possibilidade de atuar em diversos novos campos ligados à área, como por exemplo, indexando materiais na internet ou na busca de informações tecnológicas para empresas. Na área humana, democratizando a informação e incentivando o gosto pela leitura, contribuindo para o desenvolvimento social da comunidade na qual a biblioteca estiver inserida. Há ainda a possibilidade de o bibliotecário trabalhar em áreas multidisciplinares como a biblioterapia, em que ele tem a possibilidade de aliar seus conhecimentos de bibliografias específicas com o conhecimento de profissionais de variadas áreas, como por exemplo na área da saúde com médicos, psiquiatras e psicólogos. Na área da educação, com professores e pedagogos, desenvolvendo esta prática terapêutica que se acredita ter o poder de tratar a alma através da exploração de sentimentos. O bibliotecário pode contribuir selecionando materiais que serão utilizados por estes profissionais que executarão a biblioterapia ou poderá realizá-la ele mesmo, desde que tenha especialização na área.

A origem da biblioterapia remonta à era faraônica, embora tenha sido reconhecida como ramo da biblioteconomia apenas no século passado. A sua primeira utilização em hospitais para doentes comuns foi em 1802, recomendada pelo médico norte-americano Benjamim Rush, e para doentes mentais em 1810, de acordo com Alves (1982). Desde então seu uso foi se diversificando e ampliando, mas com poucos registros bibliográficos sobre o assunto, especialmente no que se refere à sua utilização com doentes mentais.

A hora do conto é uma atividade que a biblioterapia utiliza como instrumento para interagir com os pacientes envolvidos, estimulando a troca de experiências entre eles, e isto é o que se propõe este estudo: pesquisar sobre a utilização da hora do conto como recurso terapêutico com crianças com de necessidades especiais.

Este trabalho foi realizado tendo como campo de pesquisa a Escola de Educação Especial Lampadinha, através do acompanhamento das atividades de narrações de histórias. O interesse por este tema foi despertado durante uma palestra realizada na Semana Acadêmica do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 2003, que relatava os diversos campos de atuação do bibliotecário, e entre eles estava o exercício da

biblioterapia através do trabalho interdisciplinar conjunto com outros profissionais. Para melhor conhecer sobre esta atividade foram realizadas algumas buscas e constatou-se que a literatura existente era limitada, na maioria das vezes, à biblioterapia de forma geral. No que se referia à utilização desta atividade direcionada a um público específico havia um reduzido número de fontes.

A partir desta constatação, a pesquisadora definiu o tema desta pesquisa e elaborou os objetivos deste trabalho. Popôs-se a procurar indícios no comportamento das crianças que revelassem a influência benéfica das histórias, o que reforçaria sua validade na utilização como recurso terapêutico. Para respaldar sua observação, decidiu colher os relatos da orientadora pedagógica das crianças, que era também a pessoa encarregada de fazer as narrações, bem como os relatos da professora de classe. Ao final, estabeleceu comparações entre esses dados, tecendo considerações a respeito.

2 CONTEXTO E DELIMITAÇÃO DA PESQUISA

Considerando as vantagens de utilizar a biblioterapia, esta pesquisa tem o intuito de indagar sobre os benefícios que a narração de histórias (através da hora do conto), pode trazer para os alunos com necessidades especiais da Escola Municipal de Ensino Fundamental Lampadinha,- Para Educação Especial, com sede na rua Anápio Gomes, nº54 – Vila Eunice, em Cachoeirinha-RS.

Com uma média de 100 alunos matriculados, divididos em dois turnos, esta Escola realiza um trabalho de educação especializada, visando complementar o tratamento médico das crianças que possuem, na maioria dos casos, problemas neurológicos e/ou psíquicos. Entre estes podemos citar: síndrome de down, epilepsia, autismo, paralisia cerebral, déficit de aprendizagem, entre outras doenças.

O trabalho desenvolvido na Escola visa adequar o comportamento da criança à vida social e integrá-la a ela, desenvolver a coordenação motora e perceptiva da criança através do uso de materiais pedagógicos, estimular o raciocínio e a criatividade e promover o desenvolvimento integral do aluno.

A escola auxilia também nas atividades de vida diária da criança, como o ato de vestir-se, alimentar-se, ter postura à mesa e cuidados com a higiene; na vida prática, ensinando-os a cuidarem de seus objetos de uso pessoal e a organizá-los.

A hora do conto é realizada na escola semanalmente; as narrações são feitas sempre pela orientadora pedagógica das crianças que são divididas em turmas, de acordo com a sua faixa etária. Existem as turmas em que assistem a narração, as crianças que possuem de 06 (seis) a 09 (nove) anos de idade e as turmas em que assistem as crianças de 10(dez) a 13(treze) anos de idade; em cada turma há uma média de 12 crianças.

Estas crianças com necessidades especiais, se estimuladas, podem desenvolver seus potenciais. Segundo Barnard e Erickson (1978, p.180): “[...]em função do aumento de suas experiências lúdicas, espera-se que a criança apresente uma variedade mais complexa de manifestações sociais, motoras, intelectuais e emocionais”.

Nesta perspectiva, a Escola Lampadinha proporciona a hora do conto, afim de que esta atividade contribua para o desenvolvimento de seus alunos.

2.1 Definição do Problema

Esta pesquisa deseja verificar de que forma as sessões de narração de histórias contribuem como coadjuvantes terapêuticos para as crianças com necessidades especiais.

2.1.1 Objetivo Geral

O objetivo geral deste estudo é procurar indícios no comportamento das crianças com necessidades especiais que revelem a influência positiva das histórias como recurso terapêutico.

2.1.2 Objetivos Específicos

- Observar a reação das crianças em relação à atividade da narração de histórias;
- analisar os relatos da contadora de histórias que é também orientadora pedagógica destas crianças;
- analisar os relatos da professora de classe sobre as reações das crianças, após o término das narrações;
- estabelecer comparações entre os resultados das observações feitas pela pesquisadora com os relatos da contadora de história e da professora de classe das crianças;
- estabelecer comparações entre as reações das crianças com os tipos de histórias.

3. REFERÊNCIALTEÓRICO

Para a realização deste trabalho, a autora se baseou no referencial teórico existente na área da biblioterapia.

3.1 Biblioterapia

Muitas pessoas utilizam a leitura como recurso terapêutico, porém poucas sabem o verdadeiro significado do termo biblioterapia. A palavra *Biblio*, de origem grega, quer dizer livro e *therapéia* quer dizer terapia, portanto a biblioterapia significa: “terapia através dos livros”.

Segundo Orlandi (1993), a leitura é uma questão lingüística, pedagógica e social ao mesmo tempo, pois possui poder transformador na mente humana. Ao ler, o indivíduo descobre o verdadeiro sentido de inúmeras coisas, acontecimentos, assim como descobre a si mesmo de forma mais ampla. E, descobrindo a si mesmo, o ser humano tem maior facilidade para resolver seus conflitos pessoais e com a sociedade. Este é um dos principais objetivos da biblioterapia, buscar a melhoria dos conflitos pessoais, a cura das doenças e possibilitar uma melhor interação do indivíduo na sociedade através do papel curativo que a biblioterapia pode lhes proporcionar.

Os primeiros relatos do uso desta técnica datam do século XIX, nos Estados Unidos da América como foi mencionado anteriormente, porém sua origem tem-se no antigo Egito, onde as bibliotecas eram denominadas “casas de vida” porque eram consideradas locais de conhecimento e espiritualidade.

As primeiras experiências na América do Norte foram feitas por médicos no período de 1802 a 1853, ao indicarem livros pré-selecionados a seus pacientes hospitalizados. No entanto, a biblioterapia foi reconhecida como ramo da Biblioteconomia apenas em 1904, quando a bibliotecária chefe da Biblioteca do Hospital de Wanderley, Massachussetes, iniciou um programa de biblioterapia com pacientes daquele hospital (MORENO, 2004).

Durante a primeira guerra mundial, a Cruz Vermelha com o apoio de bibliotecários e leigos criou bibliotecas nos hospitais do exército, possibilitando que o uso desta técnica fosse difundida. Hoje em dia a biblioterapia, é bastante utilizada em hospitais, clínicas e asilos.

3.2 Atuação do Bibliotecário

A biblioterapia como já afirmamos, é considerada um ramo da Biblioteconomia desde o início do século XX, quando foi utilizada pela primeira vez na biblioteca de um hospital norte americano, em programa que envolvia os aspectos psiquiátricos da leitura com os pacientes daquele hospital. Uma questão que se põe é sobre quem estaria apto a aplicá-la. Alguns autores defendem que o bibliotecário está preparado para praticá-la precisando apenas de um curso que o qualifique. No Brasil, não há divulgação sobre cursos de aperfeiçoamento nesta área, os mesmos são realizados pela IFLA – International Federation of Library Associations and Institutions nos Estados Unidos. Esta instituição organiza Fóruns, seminários e programas de intercâmbio que promovam o desenvolvimento e a promoção da atividade bibliotecária. Entre as atividades contempladas está a biblioterapia. Outro ponto que deve ser levado em consideração, quando o assunto é a forma de atuação do bibliotecário, é o contexto no qual o programa será planejado e aplicado, assim como os objetivos que pretende atingir e os usuários aos quais se destina (FERREIRA, 2003).

A atuação do bibliotecário é possível desde que ele possua conhecimentos dos problemas específicos das pessoas em cujo tratamento ele irá colaborar, e que atue em conjunto com demais profissionais especializados. Assim, poderá selecionar material adequado para as diferentes necessidades que surgirem e alcançar melhores resultados.

3.3 Crianças com Necessidades Especiais

A definição adotada pela Associação Americana de Deficiência Mental (AAMR) considera que uma pessoa possui retardo mental quando seu funcionamento intelectual é significativamente inferior a média, além de possuir limitações significativas em duas das habilidades como: comunicação, auto-cuidado, vida doméstica, habilidades sociais, relacionamento interpessoal, uso de recursos comunitários, auto-suficiência, habilidades escolares, trabalho, lazer, saúde e segurança.

A ONU adota como sinônimos para retardo mental os termos insuficiência ou deficiência mental, segundo o relatório sobre saúde mental no mundo desenvolvido pela Organização Mundial da Saúde e divulgado pela ONU (2001):

O retardo mental é um estado definido por inibição do desenvolvimento ou desenvolvimento incompleto da mente, caracterizado pelo prejuízo das aptidões e da inteligência geral em área, tais como, a cognição, linguagem e faculdades motoras e sociais.

O diagnóstico é feito quando surgem evidências da diminuição da capacidade de adaptação da pessoa às exigências de seu meio social, pois o fator social é amplamente relevante neste caso, uma vez que o grau de deficiência pode ser comparado relativamente à cultura na qual se insere a pessoa. Em algumas culturas o que seria considerado deficiência é considerado normal e vice-versa.

Segundo a classificação internacional da Organização Mundial da Saúde, a deficiência mental começa antes dos 18 anos, caracterizando um transtorno do desenvolvimento e não uma alteração cognitiva. Esta classificação define essa deficiência em graus que vão de moderado (idade correspondente 2-7 anos) a profundo (0-2 anos). No entanto, esta classificação não avalia a pessoa somente com estes índices e sim o grau de comprometimento funcional adaptativo. E este, por sua vez, pode ser influenciado por fatores como educação, treinamento, motivação, características da personalidade, oportunidades sociais e vocacionais, necessidades práticas e condições médicas em geral (BALLONE, 2003).

Neste contexto, verifica-se a importância de estimular a criança deficiente mental para que desenvolva seu lado cognitivo e social, de modo que lhe proporcione uma melhor qualidade de vida. A família, juntamente com a escola, possui papel importante neste trabalho; a família dando apoio e carinho necessários para que a criança se sinta integrada e a escola utilizando técnicas que desenvolvam o raciocínio e o intelecto desta criança. Desta forma, acredita-se que a escola possa utilizar a biblioterapia como técnica auxiliar para tratamento destas crianças.

4 METODOLOGIA

A estrutura deste trabalho representa uma pesquisa descritiva tendo como objetivo primordial a busca por indícios no comportamento das crianças que revelassem a influência positiva das histórias como recurso terapêutico. Para Gil (1995), a pesquisa descritiva tem como objetivo a descrição das características de determinada população ou fenômenos, ou o estabelecimento de relações entre variáveis, utilizando técnicas padronizadas de coletas de dados. Segundo o autor, dentre as pesquisas descritivas salientam-se aquelas que tem por objetivo estudar as características de um grupo, levantar opiniões, atitudes e crenças de uma população. No caso desta pesquisa, esta técnica permitiu observar e descrever o comportamento das crianças da escola de educação especial.

Para o desenvolvimento desta pesquisa foi realizado um estudo de caso, onde foram feitas observações não-participantes ou passivas. Segundo Lakatos e Marconi (1991), na observação não-participante o pesquisador presencia o fato, mas não se deixa envolver pelas situações, faz o papel de espectador; foi utilizando esta técnica que a pesquisadora realizou a observação na Escola, transcrevendo os dados em uma ficha de observação.

A fim de coletar dados e obter informações sobre as reações das crianças, foi utilizada também uma entrevista estruturada aplicada com a orientadora pedagógica responsável por contar histórias para as crianças e um questionário como instrumento de coleta de dados para obter informações com a professora de classe das crianças. Não foi utilizada entrevista no 2º caso porque a professora de classe alegou indisponibilidade de tempo para ser entrevistada.

Ainda conforme Lakatos e Marconi (1991), há vantagens em utilizar o questionário como instrumento de coleta de dados. Entre elas podemos citar: economia de tempo, há menos risco de distorção nas respostas já que não sofre influência do pesquisador, mais tempo disponível para o pesquisado responder.

Os dados obtidos através destes instrumentos foram analisados, seguindo os passos indicados por Bardin (1977). Segundo ele, deve ser feita primeiro uma pré-análise das observações, isto consiste em organizar o material coletado e definir quais as informações ali presentes que serão submetidas à análise. O segundo passo, segundo o autor, seria a exploração do material coletado e finalmente o tratamento e interpretação dos dados obtidos.

Com base nessas várias fontes que foram citadas, organizamos nossa coleta de dados

- Foi feito contato com a direção da escola, e estabelecida a forma e os dias em que as coletas de dados seriam realizadas;

- foi realizada a observação passiva e para registro foi elaborado um diário de atividades. As observações foram realizadas no período de setembro a dezembro de 2005, foram feitas 04 (quatro) observações, onde estavam presentes em média 16 crianças em cada uma delas (Apêndice A);
- foi entrevistada a contadora de histórias (Apêndice B) e aplicado um questionário com a professora de classe (Apêndice C);
- foi realizada a análise e interpretação dos dados coletados.

5 ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS

A análise foi organizada de forma que seja possibilitada a análise contextual da pesquisa analisada, situando o mundo imaginário contado nas histórias e comparando-o com a realidade dos espectadores, as crianças com necessidades especiais.

5.1 Interpretação dos dados

Assistir as narrações na hora do conto na Escola Lampadinha, teve como objetivo observar a receptividade das crianças em relação a esta atividade. Antes da primeira visita realizada, as crianças foram informadas que haveria a presença da pesquisadora, acompanhando juntamente com eles a narração da história naquela ocasião. No início, a sua presença causou certa inquietação nas crianças por se tratar de uma pessoa que eles não estavam acostumados a ver na Escola, mas aos poucos elas começaram a se concentrar para ouvir a história que começaria a ser contada, e nos demais encontros sua presença não causou diferença no comportamento das crianças que agiram de forma natural.

Segundo Etchbarne (1975), a atividade de narrar histórias enriquece e embeleza a infância das crianças, estabelecendo entre elas e o contador de histórias um vínculo de misteriosa comunicação. Este vínculo entre a criança e o narrador pôde ser observado nas sessões de narração de histórias na Escola Lampadinha. A maioria das crianças interagia com a narradora, demonstrando grande receptividade e entrosamento na maior parte do tempo. Nas quatro sessões acompanhadas pela pesquisadora somente as crianças com paralisia cerebral não demonstraram receptividade as narrações, o que já era esperado devido às características da doença.

A entrevista realizada com Luciana (Apêndice B) – a contadora de história e também pedagoga da escola foi elaborada com perguntas abertas com o objetivo de avaliar se na sua opinião a atividade de narração de histórias exerce alguma influência positiva como recurso terapêutico para as crianças com necessidades especiais.

De acordo com Luciana, a narração de histórias propriamente dita, pode auxiliar no desenvolvimento cognitivo das crianças com necessidades especiais, no desenvolvimento da

linguagem dessas crianças como um todo, tanto na linguagem expressiva, corporal e oral como no desenvolvimento emocional das crianças.

A contadora ressaltou também que é possível notar alterações comportamentais nas crianças em comparação ao período anterior ao desenvolvimento da hora do conto na Escola. Sua observação relata sobre a maior vontade de eles se expressarem e também demonstram uma maior atenção dispensada ao professor quando este explica algum assunto. Isto comprova, de fato, que a narração de histórias incentiva não só a atenção das crianças, como também sua necessidade de expressão e assim causa melhoria na sua autoconfiança.

Esta também foi a opinião da professora Adriana (professora de classe das crianças) quando questionada sobre a sua opinião quanto às alterações comportamentais das crianças após o início da atividade da hora do conto na Escola (Apêndice C). Ela resalta ainda que em comparação ao período em que não havia a hora do conto na escola, as crianças se tornaram mais atentas; também eles costumam estar mais alegres, falantes e interessados por livros e por fantasias.

A seguir foram analisados os fatores que influenciam na contação de histórias, segundo as observações realizadas, como: a escolha do tema, dos personagens e os recursos utilizados para auxiliar a narração.

5.1.1 Escolha dos temas

Os livros para serem narrados às crianças com necessidades especiais foram escolhidos, levando em conta as limitações destas crianças, por isso a contadora utilizou enredos simples, para melhor atrair a atenção deles. Os temas escolhidos tratavam de animais, de medo, de alterações no corpo físico e de relação social. Para trabalhar estes temas a contadora utilizou contos de fadas e textos tradicionais.

É opinião de Luciana que para utilizar a narração de história como recurso terapêutico são necessários alguns cuidados especiais. A escolha do tema é um deles, pois é preciso que ele encante o contador para que ele consiga apropriar-se da história e reelaborá-la para contar ao aluno. Desse modo ele conseguirá extrair da história algo que contribua para seu desenvolvimento. Como afirma Luciana:

Eu acredito que contribua porque no momento em que ele está fazendo uma relação do sentimento dele com o sentimento

daquele personagem da história, ele vai elaborando problemas, coisas suas que lá fora, na vida, no cotidiano dele é muito difícil pra ele.

Os contos de fadas narrados foram os que mais pareceram encantar as crianças nas sessões observadas, seguidos da história que falava sobre o medo.

Como afirma Bettelheim (1975, p.17): “[. . .] os contos de fadas divertem as crianças enquanto esclarece elas a si mesmas e favorecem o desenvolvimento de sua personalidade, eles dirigem a criança para a descoberta de sua identidade e comunicação.” Ainda segundo o psicanalista, os contos de fadas declaram que uma vida compensadora e boa está ao alcance das pessoas através da adversidade, mas que para elas alcançarem esta vida elas terão que lutar .

Talvez seja esta a explicação de as crianças terem tido maior receptividade com este tipo de história, pois enquanto a contadora narrava as ações dos personagens, os olhos das crianças eram atentos a todos os movimentos que ela realizava. Após o término da história, ao serem perguntados sobre o que compreenderam, muitos souberam expor o seu entendimento, demonstrando assim que a história causou algum efeito. Este efeito focalizador da atenção em uma narrativa, que amplia a possibilidade de captação e assimilação da mensagem, pode resultar na modificação de atitudes, de acordo com Pintos (1999). Esta modificação de atitudes poderá ser um facilitador importante no caso destas crianças, pois seus problemas neurológicos e psíquicos exigem que seja trabalhada de forma mais ampla a questão da atenção e a narrativa contribui para isso, como pôde ser observado.

Assim como afirma Bryant (1973), a contação de histórias pode contribuir para o desenvolvimento de alguns fatores nas crianças, entre eles: ouvir, desenvolver a atenção e facilitar a expressão, entre outros fatores já abordados nas seções anteriores deste trabalho.

5.1.2 Personagens

Os personagens das histórias também são um fator que deve ser considerado ao escolher o texto da narração. Conforme Luciana, no mundo da imaginação a criança vai poder construir o personagem na sua mente, imaginar como é a roupa dele, e a sua situação a qual ele está vivendo.

Segundo a contadora de histórias, as crianças preferem personagens que retratam a sua vida social, como os pais, os avós, tios, primos, mas também animais. Este fato foi observado pela pesquisadora e, na sua opinião (obtida através das observações realizadas por ela), não é somente o fato de a história conter tais personagens que faz com que a criança prefira a tal história. Esta afirmação da contadora pode ser confirmada pela pesquisadora na história *Chapeuzinho Vermelho*, em que as crianças mostraram-se motivadas pela história e ficaram atentas a todos os gestos da contadora, não dispersando sua atenção de nenhuma forma.

No entanto, a afirmação de que as crianças gostavam de histórias com animais, não se manteve em *Um Rato na Biblioteca*.

Na primeira, as crianças demonstraram grande identificação com o personagem da avó, talvez por identificá-la com a própria avó, e também demonstraram um encantamento, apesar do medo, pelo lobo. Já na segunda história que também continha animais, entre eles um rato e um gato, as crianças não demonstraram estar motivadas. Este fato pôde ser observado pelas inúmeras vezes que a contadora chamou atenção deles para que prestassem atenção à narração e não tentassem sair da sala.

A partir deste fato, conclui-se que o personagem animal precisa passar alguma mensagem para criança, algo que consiga fazer com que ela tenha algum sentimento por ele, seja de carinho, seja de medo (como no caso do lobo em *Chapeuzinho Vermelho*), ou admiração, entre outros.

Outro fator que pode ter contribuído para esta história não ter tido muito sucesso com as crianças pode ter sido causado também pelo tempo em que a sua narração estendeu-se 17 minutos, um tempo considerado extensivo pela maioria dos autores que indicam como 5 minutos o prazo em que a criança consegue ficar prestando atenção no que está ouvindo sem dispersar. E no caso das crianças com necessidades especiais, há ainda o agravante de que muitas possuem além de sua doença específica, problemas de hiperatividade e de déficit de atenção, que contribuem para dispersarem o pensamento. Além do fator tempo que, longo demais pode cansar e desmotivar as crianças, também as interrupções da história por parte da contadora para controlar as crianças, podem ser outro motivo gerador de desatenção.

5.1.3 Recursos utilizados na narração

Pôde-se observar nas sessões de narração de histórias que o recurso utilizado como auxiliar na narração contribui para chamar atenção das crianças, mas não é o mais importante.

A contadora ressalta que a hora do conto proporciona aos alunos um momento de eles se pronunciarem, o que é um fator muito importante já que eles possuem problemas neurológicos e psíquicos que dificultam esta pronúncia. Muitas vezes eles querem se expressar através de gestos e têm dificuldade que as pessoas os compreendam, e assim na hora do conto eles têm um momento para desenvolver este aspecto, não só através da fala, mas do próprio corpo, maneira pela qual geralmente são compreendidos. Por isso ela utiliza a expressão corporal como um dos principais recursos auxiliares a narração.

Tanto nas sessões em que a narradora utilizou fantoches ou pequenos personagens de pelúcia, quanto nas sessões em que ela usou apenas a sua própria expressão corporal ou as ilustrações da obra, as crianças demonstraram atenção. Este fato pode indicar que eles próprios criam mentalmente seus personagens, não necessitando obrigatoriamente de recursos extras para isso. E isso reforça a idéia de que fortalece a questão da capacidade de abstração e com isso a própria atividade mental é estimulada.

A identificação do sentimento da criança com o sentimento do personagem foi outro fator que pôde ser observado. Em circunstâncias em que o personagem demonstrava ter medo de determinadas situações ou objetos como em *Seu Gelatina*, as crianças faziam comentários dizendo também ter medo do objeto citado. Segundo Pintos (1999) esta é uma das vantagens de utilizar a narração de histórias, pois a partir da reação da criança em tal circunstância, é possível identificar quais são seus temores e ajudá-la a resolvê-los.

5.2 Análise das Histórias Contadas e sua Adequação as crianças com Necessidades Especiais

Conforme Corso (2006), o medo é uma das sementes privilegiadas da fantasia e da invenção. Em função dele, a criança desenvolve também a função de defesa da sobrevivência, pois ele provoca a percepção da insignificância da vida, diante de inúmeros perigos desconhecidos existentes no universo.

O medo faz parte de muitas histórias infantis. O mistério do desconhecido, e conseqüentemente o medo, ativa a curiosidade e a imaginação das crianças, estimulando-as a conhecer e enfrentar o desconhecido.

A contadora de histórias utilizou a história *Seu Gelatina* que retratava este tema. Segundo ela, a relação entre o sentimento do aluno com o sentimento do personagem da

história faz com que este aluno consiga reelaborar problemas, coisas suas que na vida real ele teria dificuldade de enfrentar, como o medo. Isto no caso das crianças com necessidades especiais é extremamente importante, pois elas possuem, na maioria das vezes, uma maior dificuldade de se expressar, até mesmo a expressão dos seus sentimentos e desejos é algo complicado para a maioria deles.

A contadora utilizou também contos de fadas para duas de suas sessões de hora do conto, *A Pequena Sereia e Chapeuzinho Vermelho*.

A primeira, segundo Bettelheim (1980), tem uma conotação estritamente sexual. Na opinião deste autor, estes contos ensinam que para amar é absolutamente necessário uma modificação radical das atitudes prévias quanto ao sexo. Na época em que estes contos foram escritos, o sexo era considerado algo animalesco quando realizado antes do casamento. Por isso, a representação do(a) noivo(a) como um animal, ou metade animal como em algumas histórias, que somente após o enlace matrimonial viria a tornar-se totalmente humano.

No entanto, segundo Corso (2006), o sentido destes contos é mais amplo, além do aspecto sexual destacado por Bettelheim, é considerada a questão da barreira cultural, as diferenças raciais e referências familiares.

Na opinião da pesquisadora, este sentido da história é o mais aplicado a estas crianças com problemas psíquicos, pois elas possuem limitações que as tornam diferentes das demais crianças e estes contos podem contribuir para mostrar a elas que, apesar das diferenças, elas têm o direito de se integrar como os demais na sociedade.

Já em *Chapeuzinho Vermelho* na versão dos Irmãos Grimm contada pela narradora, a história tem o intuito de advertir quanto aos riscos que as crianças correm por causa da sua inocência e a maldade de “lobos” perversos. Por outro lado, também lembra que além da maldade destes “lobos”, as próprias crianças podem se expor graças a sua curiosidade e dos desejos confusos que guardam em seu interior de acordo com Corso (2006). Para Bettelheim (1980), a mensagem principal que esta história passa é de que não se deve confiar nas intenções de todos que parecem ser bons, evitando assim o risco de cair em armadilhas.

Também é opinião da pesquisadora que na narração da *Pequena Sereia*, para as crianças com necessidades especiais, esta história não deve ter conotação sexual, pois estas crianças aparentam possuir um grau de inocência que não permitiria que entendessem o sentido da história como algo erótico.

A mensagem que as crianças pareceram captar assistindo a narração destas duas histórias foi a de que não se deve dar conversa a estranhos, pois quando perguntados pela contadora se eles achavam que a Chapeuzinho deveria ter conversado com o lobo eles

disseram que não, que ele era mau e que ela devia ter levado os doces pelo outro caminho e que não devia conversar com quem ela não conhecia, ou seja priorizando a obediência.

Na opinião da autora desta pesquisa, esta história pareceu exercer ainda hoje em dia o objetivo moralizante que tinha na época em que foi escrita. Segundo Machado (1999), para que não perpetue um sistema de dominação da criança, como acontece com as obras com objetivo moralizante, é indicado que sejam utilizadas obras com qualidade estética, o mais livre de estereótipos possível. Pois assim, a probabilidade de esta literatura passar uma mensagem libertadora e comprometida com mudanças é maior.

6 CONCLUSÃO

Ao término desta pesquisa, após ter acompanhado algumas sessões da hora do conto na Escola Lampadinha e coletado dados que posteriormente foram analisados, constatou-se que a biblioterapia com alunos com de necessidades especiais pode ser produtiva e benéfica. Sua forma de narrar histórias os auxilia no enfrentamento de adversidades cotidianas vividas pelas crianças.

Foi possível constatar que as crianças participam da atividade da hora do conto sendo bastante receptivas e demonstrando atenção sempre que as histórias possuem temas que os motivem. Este fato indica que a motivação é um elemento chave para que a narração possa contribuir no desenvolvimento da concentração nas crianças que possuem maior dificuldade de concentração, em virtude de problemas neurológicos e/ou psíquicos.

A pesquisa revelou que as crianças, além de mais atentas, também ficaram mais falantes e alegres, melhoraram a compreensão quanto aos conteúdos tratados. Em alguns casos o contato com os livros desenvolveu também um interesse pela escrita e leitura que eles não costumavam ter no período que não havia a hora do conto na escola.

A escolha do tema revelou ser um fator importante para a boa resposta da atividade da hora do conto. Constatou-se que um tema motivador desencadeia melhor resposta das crianças à atividade e que, desta forma, é possível interagir com elas com assuntos que tratam do dia-a-dia e da família num contexto interessante. Os contos de fadas e outras histórias que contenham animais são os preferidos pelas crianças, segundo a contadora de histórias. Porém é preciso ter cuidado na escolha da história, considerando o seu tema e não só os personagens. A partir das observações realizadas, pôde-se constatar que não é só o fato de a história conter alguns destes elementos isoladamente que fará com que a criança se identifique com ela. É necessário que a história transmita algo mais, que encante esta criança e estimule a sua imaginação e a sua criatividade, bem como crie um vínculo de identificação entre ela e o contador de histórias.

As maiores contribuições da hora do conto, segundo pôde ser constatado através da análise dos dados, foram as crianças terem tornado-se mais atentas e mais confiantes, passando a se comunicar mais com os professores e colegas.

A partir deste estudo realizado na Escola de Educação Especial Lampadinha, em relação a hora do conto e a constatação de que as crianças tornaram-se mais atentas,

receptivas, falantes, além de se tornarem mais confiantes, sugere-se que esta atividade continue sendo realizada na Escola, já que há fatores que permitem considerar a hora do conto como auxiliar no recurso terapêutico para estas crianças, juntamente com outras atividades existentes na escola. Seria recomendável também que esta atividade acontecesse mais de uma vez por semana na escola, já que foi observado seu efeito benéfico, pois isto aumentaria os resultados positivos.

Sugere-se também que sejam estabelecidos critérios de seleção das histórias, a fim de que possam auxiliar mais eficientemente no desenvolvimento cognitivo dos alunos com necessidades especiais.

REFERÊNCIAS

ALVES, Maria Helena Hess. A aplicação da biblioterapia no processo de reintegração social. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v.15, n.1/2 p.54-61, jan./jun. 1982.

BALLONE, G. J. *Psiquiatria Acadêmica*, 2003. Disponível em: <http://virtualpsy.locaweb.com.br/index.php?sec=29>. Acesso em: 01 set. 2005.

BARNARD, Kathryn E.; ERICKSON, Marcene L. **Como educar crianças com problemas de desenvolvimento**. Porto Alegre: Globo, 1978. 214p.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. 366p.

BRYANT, Sara Cone. **El arte de contar cuentos**. Barcelona: Nova Terra, 1973. 224 p.

CALDIN, Clarice Foortkamp. A leitura como função terapêutica: biblioterapia. **Enc. Bibli.:Revista de Biblioteconomia Ciência da Informação**, Florianópolis, n.12, dez. 2001. 7p.

CALDIN, Clarice Foortkamp. A aplicabilidade terapêutica de textos literários para crianças. **Enc. Bibli.:R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.**, Florianópolis, n.18, 2ºsem. 2004 p.72-89 Disponível em: www.encontros-bibli.ufsc.br Acesso em: 25 out. 2004.

CORSO, Diana L.; CORSO, Mario. **Fadas no divã**. Porto Alegre: Artmed, 2006. 326 p.

CUNHA, Miriam Vieira da. O papel social do bibliotecário. **Enc. Biblio: R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.**, Florianópolis, n.15 1º sem. 2003. 4 p.

ETCHEBARNE, Dora Pastoriza de. **El arte de narrar: um ofício olvidado**. 3. ed. Buenos Aires, 1975.142p.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1995.

GOMES, Maria Quitéria de Oliveira. **A importância da leitura e o seu contexto na biblioterapia**. Salvador, 2001. 57 f. (Monografia apresentada ao ICI, conclusão do curso de graduação UFBA)

JOHNSON, Doris J.; MYKLEBUST, Helmer. **Distúrbios de aprendizagem**. São Paulo: Pioneira, 1983. 400 p.

KEPHART, Newell C. **O aluno de aprendizagem lenta**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986. 354p.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 3. ed. São Paulo:Atlas, 1991. 270 p.

MACHADO, Ana Maria. **Contracorrente : conversas sobre leitura e política**. São Paulo: Ática, 1999. 159p.

OUAKNIN, Marc-Alain. **Biblioterapia**. São Paulo: Loyola, 1996.

PEREIRA, Ana Maria Gonçalves dos Santos. **Leitura para enfermos: uma experiência em um hospital psiquiátrico**, 1987. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba.

PEREIRA, Marília Mesquita Guedes. **A Biblioterapia e leitura crítica para a formação da cidadania com os alunos do Instituto dos cegos da Paraíba** “Adalgisa Cunha”.2000. 15f. Disponível em: <http://www.biblioestudantes.hpg.ig.com.br/texto01.pdf> Acesso em: 24 out 2004.

PINTO, Virginia Bentes. **Biblioterapia: a leitura que ajuda a sarar**. Jornal o Povo. Fortaleza. 3 de nov. 2004. Disponível em: <http://www.noolhar.com/opovo/opiniao/189050.html> Acesso em: 17 out. 2004

PINTOS, Cláudio Garcia. **A logoterapia em contos: o livro como recurso terapêutico**. São paulo: Paulus, 1999. 112 p.

RATTON, Angela Maria Lima. Biblioterapia. Esc. Biblioteconomia da UFMG, v. 4, n.2, set, 1975. p.198-214.

SEITZ, Eva Maria. **Biblioterapia**: uma experiência com pacientes internados em clínica médica. 2000. 79 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

SCRODES, Caroline. **Bibliotherapy**: a theoretical and clinical-experimental study. 1949. 344 f. Dissertation (Doctor of Philosophy in Education) – University of Califórnia, Berkeley.

APÊNDICE A: FICHA DE OBSERVAÇÃO

Serão observados os seguintes itens nas sessões de narração de histórias:

1. Título da história e autor:

2. Tipo de história contada:

- conto de fadas
- lendas
- narrativas
- conto folclórico
- fábula
- poesia

3. Sobre o que o tema trata:

- medo infantil
- amizade
- família
- viagens
- outros. Quais.....

4. Personagens:

- animais
- fantasmas
- bruxas, fadas
- pessoas da família
- ocupações
- outros. Quais....

5. Recursos utilizados:

- fantoche
- narrativa simples
- avental
- outros. Quais.....

6. Tipo de reação da criança:

- alegria
- tristeza
- indiferença
- fazem perguntas, comentários
- não participam
- levantam ou mexem com as outras crianças

APÊNDICE B – ENTREVISTA APLICADA À CONTADORA DE HISTÓRIAS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO
2006/1

ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

Nome: Luciana

Cargo: Pedagoga – contadora de histórias

Tempo de atuação na escola: 7 anos

SOBRE A ESCOLA

1 Qual a filosofia da escola e seus objetivos norteadores?

Luciana: A filosofia seria promover o desenvolvimento integral deste sujeito, dentro da fase de desenvolvimento dele, a questão do conhecimento dele propondo desafios dentro daquilo que ele está trazendo e principalmente promover a sua autonomia.

2 Quais as principais atividades desenvolvidas pela escola?

Luciana: A escola possui um laboratório de informática, onde os alunos utilizam jogos educativos no computador. Eles praticam também educação física e aulas de natação.

SOBRE A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

1 Na sua opinião, de que maneira a contação de histórias pode auxiliar no desenvolvimento cognitivo das crianças com necessidades especiais?

Luciana: desenvolvendo a linguagem desse sujeito como um todo, a linguagem expressiva, corporal, e a linguagem oral. Eu me apoio muito na Fany Abramovich, ela é teórica, crítica da literatura infantil e fala muito da contação de histórias. E eu acredito sim que a biblioteca é um espaço ligado a arte.

É um espaço diferenciado da sala de aula, é um espaço onde irá desenvolver e valorizar a cultura. A cultura da região, a cultura brasileira, é onde será dado significado a tudo isso.

Juntamente com isso a questão da própria contação de história, o momento assim que o professor vai escolher o livro, desde a escolha do livro até apropriação daquela história, onde a gente tem que passar por um encantamento. Aquela história tem que te encantar para que encante os alunos, acho que isso é o importante., te apropriar dela e a partir disso reconstruir aquela história. Reelaborar aquela história, contar de novo, inventar a história, discutir os personagens da história, as características deles, representar estes personagens.

Dessa forma acredito que isso estará ajudando esse sujeito de forma emocionalmente e cognitivamente. Eu acredito que contribua porque no momento em que ele está fazendo

uma relação do sentimento dele com o sentimento daquele personagem da história, ele vai estar elaborando problemas, coisas suas que lá fora, na vida, no cotidiano dele é muito difícil para ele.

É que no mundo da imaginação aqui que a história onde o sujeito vai poder construir, imaginar sobre aquele personagem, como é a roupa daquele personagem, que tamanho tem aquele personagem, a situação.

Ele vai ter que construir um cenário daquela história. Muitas vezes nós usamos como recurso fantoches que é importante. Mas, muitas vezes a simples expressão do professor na contação, a forma como ele dramatiza a história já irá permitir muito mais que o sujeito construa esta imagem do que te apoiar em alguns suportes.

Eu acho que a gente pode criar momentos de usar como recurso o próprio corpo do professor porque isso será um estímulo a mais para a imaginação da criança. Assim, ele não vai ter presente o fantoche pra imaginar, vai ter que formar ele mesmo a imagem do personagem. Isso irá mexer com o jogo simbólico da criança e do adolescente. Será também um estímulo a própria linguagem.

O nosso aluno aqui é um aluno com problemas neurológicos, psíquicos e a hora do conto proporciona a ele um momento de ele se pronunciar. Na questão da linguagem eles estão sendo desafiados porque muitas vezes eles querem se expressar através de gestos e é difícil de serem compreendidos. Mas aqui não, aqui eles vão ter sim um momento de serem compreendidos. Eles vão poder elaborar mais a linguagem, não só através da fala, mas também através do corpo.

Então, eu acho sim como a Fany Abromovich diz que a literatura é arte porque ela vai dar vazão para as expressões, tanto corporal quanto plástica. Pois isso vai estimular esse indivíduo graficamente como por exemplo desenvolvendo um desenho.

2 As crianças demonstram retomar situações da contação de histórias durante seu dia-a-dia? Se a resposta for positiva, de que forma demonstram?

Luciana: Eles entram aqui e querem se fantasiar, eles querem construir um personagem neles.

3 Foi possível notar alguma alteração comportamental nas crianças em comparação ao período anterior a contação de histórias?

Luciana: Sim, eu estou percebendo uma necessidade maior de falar neles, de se expressar. Tem alunos bem falantes, se comunicando mais, alguns com maior dificuldade na questão da articulação da palavra, mas isso é uma questão com a fonoaudióloga por causa da deficiência deles. Existe essa questão de querer falar mais, claro que isso é um trabalho interdisciplinar aqui com a professora da sala de aula, a professora de educação física.

Eu não posso dizer até que ponto a contação de histórias contribuiu sozinha pra isso, mas acredito que ela tenha contribuído, principalmente na questão da imaginação.

A contação de histórias ajudou também pra que eles comessem a prestar mais atenção no que o professor fala.

Se houve alterações, quais foram identificadas? As crianças ficaram:

(X) mais falantes

(X) alegres

() tristes

() mais atentas

() mais dispersivas

Outras alterações foram observadas?

Quais? _____

APÊNDICE C- QUESTIONÁRIO APLICADO À PROFESSORA DE CLASSE

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO
2006/1**

QUESTIONÁRIO

Nome: Adriana
Cargo: Professora
Tempo de atuação na escola: 10 anos

SOBRE A ESCOLA

1 Qual a filosofia da escola e seus objetivos norteadores?

2 Quais as principais atividades desenvolvidas pela escola?

SOBRE A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

1 Na sua opinião, de que maneira a contação de histórias pode auxiliar no desenvolvimento cognitivo das crianças com necessidades especiais?

Adriana: Incentivando a criatividade, estimulando a linguagem, a atenção, a simbolização, as noções de tempo, seqüência e o interesse pela leitura e escrita.

2 As crianças demonstram retomar situações da contação de histórias durante seu dia-a-dia? Se a resposta for positiva, de que forma demonstram?

Adriana: Sim, recontando para outros colegas, mostrando quando alguma gravura lembra a história, falando nos personagens, pedindo para ver o livro e recontando a história.

3 Foi possível notar alguma alteração comportamental nas crianças em comparação ao período anterior a contação de histórias? Sim

Se houve alterações, quais foram identificadas? As crianças ficaram:
(X) mais falantes

alegres

tristes

mais atentas

mais dispersivas

Outras alterações foram observadas? Quais? Mais interessadas por livros, fantasias, leitura e escrita.